

Diversão & Arte

» MARIANA
REGINATO

Na Praça Ferrock, no Setor P Norte na Ceilândia, o domingo e o feriado serão dominados pelo festival mais antigo de rock do quadradinho. Das 10h às 20h, o Ferrock reunirá 10 bandas, além de DJs, com acesso gratuito para quem quiser curtir o rock na capital.

O trio mineiro Black Pantera é um dos destaques da cena do rock nacional que estará presente, além de nomes como O Dia D, Navelouca, Seconds of Noise e Amados Mortos (GO). Para fechar o domingo, haverá uma homenagem ao músico de Ceilândia, Célio de Moraes, o “Celião”, ex-baixista de bandas como Terno Elétrico, Brazilian Blues Band, CCE, Moraes Brothers, Ira de Titãs e Os Merah.

Silvio Magri, tecladista do grupo goiano Amados Mortos, fala sobre a história da banda e a importância da capital na história do rock.

ENTREVISTA // SILVIO MAGRI

Vocês são uma banda recente. Como surgiu a vontade de fazer música?

Os Amados Mortos surgiram em Goiânia, em 2024, a partir do encontro de músicos ligados à cena alternativa e aos eventos da Undergoth. A vontade inicial era transformar nossas referências e experiências em músicas autorais, falando sobre sentimentos como ausência, desejo, estranhamento, paixão e morte. O que começou como uma reunião de pessoas que gostavam de pós-punk e de sonoridades sombrias rapidamente ganhou identidade própria. Em pouco tempo, gravamos nossas músicas, produzimos videocliques e lançamos nosso trabalho em CD e fita cassete. A banda ainda é recente, mas nasceu com muita vontade de produzir e de ocupar espaços.

O que define a identidade da banda? Por quais gêneros vocês gostam de passar?

Nossa identidade está na combinação entre uma atmosfera sombria e uma música que também convida ao movimento. Transitamos principalmente pelo pós-punk, darkwave e synthwave, mas incorporamos elementos do rock gótico, do punk e da música eletrônica. As linhas de baixo são muito importantes, assim como os sintetizadores, as guitarras, as programações e a alternância de vozes. Gostamos de unir melancolia, intensidade e energia. Mesmo quando tratamos de temas densos, procuramos criar músicas marcantes, com refrões e ritmos que permaneçam na memória.

Quarenta por cento do grupo é formado por pessoas neurodivergentes. Como é ser uma banda que abre espaço e contribui para uma cena mais inclusiva?

Para nós, a inclusão não é apenas um discurso ou uma bandeira externa à banda: ela faz parte da nossa própria formação e da maneira como convivemos e criamos. Ter pessoas neurodivergentes no grupo amplia nossa percepção, nossa sensibilidade e também nossas formas de

O MAIS ANTIGO FESTIVAL DO GÊNERO DO
DISTRITO FEDERAL, O FERROCK,
TOMA CONTA DE **CEILÂNDIA**
EM CELEBRAÇÃO AOS 40
ANOS DO EVENTO

**Grupo Amados
Mortos tocará
na segunda-
feira, 7 de
setembro**

fazer música. Isso exige diálogo, respeito aos limites individuais e compreensão de que as pessoas não precisam pensar, sentir ou se comunicar da mesma maneira para construírem algo juntas. A música pode ser um espaço muito poderoso de pertencimento. Por isso, consideramos importante mostrar que pessoas neurodivergentes podem estar no palco, nos processos criativos e em todos os espaços da cena cultural. Queremos contribuir para uma cena mais aberta às diferenças, não apenas em relação à neurodivergência, mas também às diversas identidades, trajetórias e maneiras de existir.

Ferrock é o festival mais antigo do gênero na capital. Qual é a sensação de estar presente nesse line-up?

Estar no Ferrock é uma honra e também uma conquista muito importante para os Amados Mortos. Estamos falando de um festival histórico, construído com resistência, continuidade e compromisso com a música independente. Para uma banda formada em 2024, participar desse line-up representa o reconhecimento de um trabalho que vem sendo desenvolvido com muita intensidade. Também sentimos uma grande responsabilidade. Não queremos apenas ocupar o palco, mas estar à altura da história do festival e do público que o acompanha. Dividir essa programação com artistas importantes, especialmente em uma edição que conta com o Black Pantera, aumenta ainda mais nossa expectativa. Será um daqueles momentos que ajudam a marcar a trajetória de uma banda.

O que vocês estão preparando para esse repertório? Qual é a relação do grupo com Brasília?

Estamos preparando um repertório concentrado e intenso, pensado especialmente para a energia de um festival. O público poderá conhecer músicas autorais que representam as diferentes faces dos Amados Mortos, passando por momentos mais dançantes, sombrios e pesados. Canções como *Licantropia*, *Estranho*, *Renascida*, *Vênus*, *Loved Dead*, *Undergoth* e uma versão darkwave de um canção brasileiro ajudam a apresentar bem esse universo. Queremos fazer um show direto, envolvente e com a força necessária para alcançar também quem estiver nos conhecendo naquele momento. Brasília ocupa um lugar muito importante na história do rock brasileiro e sempre foi uma referência para quem produz música independente no Centro-Oeste. Goiânia e Brasília possuem cenas muito fortes, com públicos que circulam, dialogam e mantêm viva a cultura alternativa. Estar no Ferrock é uma oportunidade de estreitar essa relação, apresentar nosso trabalho ao público brasiliense e construir uma conexão que esperamos levar para muitos outros encontros.

**Black Pantera,
de Minas
Gerais, é
um dos
destaques da
programação**

Hugo de Brito/Divulgação